

---

---

# FORMANDO O EDUCADOR: UM DESPERTAR DE POTENCIALIDADES NO PROCESSO GRUPAL<sup>1</sup>

Elzenita Falcão de Abreu<sup>2</sup>

## RESUMO

O estudo descreve as experiências de aprendizagens significativas (des)veladas em grupos de encontro, por 23 alunas do curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores de Petrolina - Universidade de Pernambuco, no período de fevereiro a junho de 2003, ressaltando o que revelam para o crescimento pessoal/profissional do educador. Inspirado na fenomenologia, teve como fundamento a psicologia humanista e como referência principal Carl Rogers, com a Abordagem Centrada na Pessoa e os Grupos de Encontro. Os fenômenos observados foram analisados qualitativamente de forma compreensiva, sem preocupação com explicações. Foi possível compreender que, na experiência intensiva em grupo, o participante experimenta um processo de crescimento pessoal, decorrente dos contatos internos e externos vivenciados, que possibilita mudanças significativas na sua prática profissional.

Palavras-chave: Formação do educador, fenomenologia, abordagem centrada na pessoa, grupos de encontro.

## ABSTRACT

This study was performed, from February up to June of 2003, with 23 students of the Teach Course of the Petrolina's Professors Formation College from University of Pernambuco, arranged in meeting groups. It describes the experiences of significant learnings and stands out what these experiences add to the pessoal and professional growth of the educator. Based on the phenomenology, it was well-grounded in the humanist psychology and had Carl Rogers as main reference, with the View Centered in the Person and the Meeting Groups. The observed phenomena had been analyzed qualitatively in a comprehensive form, without concerns with explanations. It was possible to understand that, in the intensive group experience, the participant tries a process of personal growth, decurrent of lived deeply the internal and external contacts, that make possible significant changes in his or her practical professional.

Keywords: Professors formation, phenomenology, view centered in the person, meeting groups.

---

---

## INTRODUÇÃO

Basicamente, este artigo não foi só escrito por mim, mas para mim. Não sei se será significativo para você e para sua experiência pessoal.

Busquei descrever as experiências de aprendizagens significativas, (des)veladas em grupos de encontro, pelas alunas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores de Petrolina/Universidade de Pernambuco, ressaltando o que essas experiências revelam para o crescimento pessoal/profissional do educador. Além disso, procurei analisar compreensivamente as vivências, considerando as expressões verbais e não-verbais, surgidas na relação pessoa-pessoa, sem perder de vista o movimento do grupo.

O interesse em desenvolver esse estudo não foi interrogar o ensino ou aprendizagem, mas sim o sujeito/pessoa que está ensinando e que está

aprendendo, aquele que vivencia o fenômeno educacional.

Pode-se notar, nos últimos anos, que o profissional da educação tem sido bastante "cobrado" quanto a sua formação, e a pergunta do momento pode ser: Que profissional se deseja formar? O que é necessário, na sua formação, para atuar na sociedade atual?

Historicamente, há um aumento claro das exigências que se fazem ao professor, pedindo-lhe que assuma um número cada vez maior de responsabilidades, para as quais nem sempre está preparado. Essas situações têm gerado atitudes de desilusão e de renúncia desenvolvidas na medida em que se vem degradando sua imagem social. Investir na formação do professor faz-se necessário para que ele seja capaz de adaptar-se às mudanças; de trabalhar com o novo, criativamente, utilizando as novas tecnologias, respeitando os valores humanos, enfrentando as incertezas; não com a refle-

---

Recebido: julho de 2004

Aceito: outubro de 2004

<sup>1</sup> Artigo baseado na Dissertação de Mestrado em Educação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, sob a orientação do Professor Doutor Jaime Roy Duxsey.

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela UFES, professora da Universidade de Pernambuco/Faculdade de Formação de Professores de Petrolina e da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

xão pura e simples, mas com a reflexão na e sobre a ação.

A mudança proposta exige desse professor um arriscar-se, um colocar-se numa posição nunca vivida antes. Ele não consegue, na maioria das vezes, assumir, na prática, essa nova perspectiva aprendida nas capacitações as quais se submete, mesmo que o queira racionalmente. Viver o novo, assumindo uma visão de homem e mundo diferente, implica uma nova maneira de organizar o pensamento e nortear a conduta diante da vida, numa mudança que não se restrinja apenas ao racional, ao intelectual, mas uma mudança que perpassa o âmbito do corpo, do vivido, dos sentidos; uma mudança que se apresente no cotidiano das ações das pessoas.

Nessa perspectiva, faz-se necessário que as propostas de formações de professores assumam essa dimensão da formação da "pessoa" do professor, para que ele possa, transformando-se pessoalmente, atingir mudanças significativas enquanto profissional e assimilar uma proposta que traga novas concepções de homem e mundo. Acredito que, só dessa forma, ele terá mais condições de atuar, condizentemente, em termos de discurso e prática, contribuindo de maneira eficiente para um processo de ensino-aprendizagem voltado para a formação do aluno cidadão.

Apoiei-me, sobretudo, nos estudos do psicólogo norte-americano Carl Ransom Rogers<sup>3</sup> (1970), utilizando a "Abordagem Centrada na Pessoa" e nos "Grupos de Encontro", naquilo que ele chama o "encontro básico", a relação imediata de pessoa-a-pessoa, descrevendo as qualidades humanas que surgiam.

Procurei uma inspiração fenomenológica (BICUDO, 2000), na tentativa de entender o comportamento, compreender como os indivíduos vêem a si mesmos, isto é, as suposições que fazem sobre quem e o que são, e sobre a natureza de seus relacionamentos com os outros. Destaco Amatuzy (1996), quando afirma que "a fenomenologia pressupõe que o vivido seja um caminho importante e, em alguns momentos, insubstituível para a verdade, ou seja, para a formulação de conhecimentos e para as decisões que devemos tomar" (p.5).

Foi nesse ser humano que resolvi investir minha atenção, entendendo que, ao oferecer-lhe as condições necessárias de liberdade, ele irá crescer, não só pessoalmente, mas também profissionalmente<sup>4</sup>.

## DESCREVENDO O CAMINHO

O estudo foi desenvolvido nos encontros grupais, que ocorreram uma vez por semana, durante um período de três horas, na sala ambiente do curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores de Petrolina. Trabalhei com esse grupo, formado por 23 estudantes do sexo feminino de vários períodos do Curso de Pedagogia, que optaram pela disciplina Dinâmica de Grupo, de fevereiro a junho de 2003.

Optei pela pesquisa qualitativa, com inspiração fenomenológica (FORGHIERI, 1993), visando descrever os fenômenos estudados e buscando uma compreensão da experiência grupal a partir dos depoimentos e/ou expressões dos participantes, não me preocupando com explicações.

Tentei construir no grupo um clima psicológico de segurança, no qual a liberdade de expressão e a redução de defesas psíquicas pudessem se mostrar. Nesse clima, muitas reações imediatas de cada membro, em relação aos outros e de cada membro em relação a si próprio, tenderam a expressar-se.

Não tive inicialmente um foco específico de observação; tentei ficar atenta para as experiências e aprendizagens vivenciais que ocorreram durante o processo grupal, que facilitaram descobrimentos dos participantes sobre si mesmas e possíveis (re)construções, seja na identidade, auto-conceito seja na auto-estima dessas pessoas. Assim, questionei: Até que ponto tais experiências e aprendizagens, durante um processo grupal, funcionaram como uma via para possibilitar essas (re)construções? Quais as possíveis transformações que acontecem com as pessoas num processo de grupo? Esse foi o meu caminho. Busquei descrever e organizar os dados coletados, tendo como base essas interrogações levantadas para estudo e as reflexões teóricas que lhes deram sustentação.

<sup>3</sup> Carl Ransom Rogers nasceu em 8 de janeiro, em Oak Park, Illinois e faleceu em fevereiro de 1987. O leitor interessado em sua biografia poderá consultar Goobi & Missel (1998)

<sup>4</sup> Escolhi o uso a primeira pessoa do discurso para deixar claro meu envolvimento participativo, experimentando junto, permitindo penetrar na experiência, tão livre quanto possível de preconceitos, tentando colocar em suspensão qualquer tipo de inferência.

As experiências de aprendizagens, descritas pelas participantes, foram transcritas, em alguns momentos, tais como foram escritas por elas, em forma de depoimentos ou narrativas, de maneira expressiva e significativa, pelo meu olhar/sentido, como um convite a participar da análise compreensiva do fenômeno estudado. Procurei preservar a identidade dos sujeitos/pessoas, utilizando a letra "P" (pessoa/participante) e a denominação "PA.....PZ" (aleatoriamente atribuída às 23 alunas, componentes do grupo) para situar o leitor quanto aos depoimentos transcritos.

Foram os aspectos das situações vividas pelas participantes, nas suas diversas formas de expressão, que constituíram as unidades significativas de análise. Coloquei em evidência os constitutivos relevantes na descrição e expressei através da convergência (ou categorias abertas) das unidades de significado. O fenômeno investigado foi focalizado considerando três categorias:

1. A contribuição do grupo na formação teórico/prática do educador – considere, como o alcance mais significativo, o crescimento pessoal/profissional das participantes (declarado direta ou indiretamente por elas), exemplificado a seguir:

Quadro 1:

DEPOIMENTO	ANÁLISE COMPREENSIVA
Foi graças às experiências vividas no grupo, ao incentivo e às oportunidades de desenvolver meu lado afetivo, que consegui a primeira experiência, com bastante sucesso como educadora [...] fui capaz de desafiar minhas capacidades [...] consegui desenvolver um ótimo trabalho em minhas aulas e o melhor aconteceu: os alunos aprenderam a se valorizar e valorizar os seus futuros alunos [...] me ajudou a perceber o quanto me identifiquei com a profissão de educadora - quero, posso, serei uma. Talvez se não tivesse participado do grupo, jamais descobriria o lado excelente que tenho. Mudei muito meu jeito, minhas atitudes, meus atos (P. F).	Considera que as experiências de grupo foram marcantes para a sua vida pessoal e profissional; daí a relação que faz com mudanças que já passaram a ocorrer em sua prática.

2. As possíveis mudanças pessoais e/ou profissionais ocorridas decorrentes do processo grupal – captadas através da estrutura descritiva do alcance da vivência, tais como: segurança, aceitação de si e do outro, autoconhecimento, auto percepção e percepção social, auto-estima, autoconfiança, melhoria na comunicação com o outro,

autovalorização e mudança no conceito do eu, ampliando a consciência de si, algumas delas registradas no quadro abaixo:

Quadro 2.

DEPOIMENTOS	ANÁLISE COMPREENSIVA
Senti que os encontros mexeram muito comigo, na forma com que me percebo e percebo o mundo (P. A).  A partir dos encontros me abri ao diálogo, a querer resgatar o meu eu, fazer o que gosto (P. B).	ACEITAÇÃO DE SI - observa-se que a vivência mobilizou conteúdos internos que a levaram a ter uma nova relação intrapessoal e, consequentemente, a uma nova visão de mundo e do outro. MUDANÇA NO CONCEITO DO EU - apresenta a possibilidade de estabelecer um contato mais real com ela mesma, de forma mais autêntica.

3. As experiências de aprendizagens vivenciadas - considere, como significativas: a autenticidade e liberdade na expressão dos sentimentos (expressão fluída), contato maior com os sentimentos, confiança naquilo que sente, abertura à experiência imediata, identificação com os membros do grupo, relações psicossociais afetivas, respeito, consideração, ouvir o outro. No quadro a seguir, estão descritas algumas situações.

Quadro 3:

DEPOIMENTOS	ANÁLISE COMPREENSIVA
... confesso que estou, aos poucos, me abrindo, ou seja, abrindo meu coração e isso está me fazendo um enorme bem, pois estou me sentindo mais leve, mais à vontade para falar com o grupo, até no meu trabalho estou mudando o meu comportamento" (P. G). Acho que muitas colegas precisam valorizar mais os sentimentos ou atos das outras, sabendo o que falar ou como agir durante o processo de compartilhar em grupo (P. G). Por que você não tenta compartilhar conosco o que está sentindo? Talvez se sentisse melhor (P. N).	CONTATO MAIOR COM OS SENTIMENTOS - a vivência do processo permite uma maior abertura à experiência e facilita uma abertura que proporciona uma sensação de liberdade. CONFIANÇA NAQUILO QUE SENTE - o ambiente afetivo proporciona uma relação de confiança e sinaliza a necessidade de respeito mútuo entre os membros. RELAÇÕES PSICOSSOCIAIS AFETIVAS - OUVIR O OUTRO - momento especial de entrega e de permissividade.

## ROGERS COMO REFERÊNCIA: A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E OS GRUPOS DE ENCONTRO

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), proposta por Carl Rogers na década de 1970, foi uma expressão utilizada para fazer referência a uma forma específica de entrar em relação com o Outro, estando implícito um modo positivo de

conceitualizar o ser humano (AMATUZI, 2001). Como uma abordagem fenomenológica, privilegia as experiências subjetivas da pessoa, implicando que o conhecimento que se tem do Outro surge a partir de seu quadro de referências.

Para uma melhor compreensão do modelo rogeriano, é preciso entender alguns de seus principais conceitos. Rogers e Kinget falam na tendência à atualização como

a mais fundamental do organismo em sua totalidade, pois preside o exercício de todas as funções, tanto físicas quanto experienciais. E visa constantemente desenvolver as potencialidades do indivíduo para assegurar sua conservação e seu enriquecimento, levando-se em conta as possibilidades e os limites do meio (1977, p. 41).

De acordo com Rogers (1975), a tendência atualizante é o singular motivo básico do ser humano e, assim como sua noção do "eu", faz parte de um mundo fenomenológico. Logo, o que importa é a percepção da experiência pelo indivíduo.

Wood et al (1997) enfatizam que, para haver uma mudança construtiva de personalidade, no âmbito da abordagem de Rogers, é necessário que haja algumas atitudes, como facilitadoras. Primeiramente, é preciso que seja estabelecido um verdadeiro contato psicológico entre as pessoas e que elas estejam num estado de incongruência, vulneráveis ou ansiosas e que o facilitador esteja congruente. Congruência, por exemplo, é possível entendê-la como um aspecto facilitador das relações humanas, pois estar congruente ou ter autenticidade significa estar transparente na relação com o outro. Ser congruente na relação com o Outro significa ser ele mesmo, que se faz sentir na relação, sem "máscaras"; estar aberto e não defensivo, no que diz respeito aos seus sentimentos para com o Outro. Para isso, é importante que exista uma atitude, também, facilitadora, chamada de positiva incondicional, da pessoa por parte da outra, o que significa aceitá-la nas suas manifestações, sem críticas ou juízo de valor, sendo ela mesma, e não como gostaríamos que ela fosse.

Quanto a estabelecer uma atitude facilitadora de empatia, não é uma tarefa fácil, pois exige um movimento de aproximação do Outro, para que se pos-

sa sentir a partilha dos sentidos e dos sentimentos; de distanciamento, para poder compreender e agir sobre todo o envolvimento relacional em presença. Significa compreender o Outro à luz do seu quadro de referências internas, como se fosse o Outro, sem perder a sua condição ou deixar de ser quem é. No entanto, é preciso que a comunicação da compreensão empática e da consideração positiva incondicional do facilitador aconteça, pelo menos num grau mínimo, para ser efetivada.

Ele defende que, se essas atitudes estiverem presentes na relação, a pessoa entra num processo de aceitação de si própria e dos seus sentimentos, tornando-se, por isso, a pessoa que deseja ser, mais flexível nas suas percepções, adaptando objetivos mais realistas para si própria e, simultaneamente, torna-se mais capaz de aceitar os outros.

Esse estudo, desenvolvido na fase dos Grupos de Encontro, pretendeu analisar, de forma compreensiva, sua influência na formação pessoal/profissional do educador, focalizando, especialmente, suas potencialidades transformadoras.

O Grupo de Encontro (Rogers apud Goobi; Missel, 1998), específico da prática rogeriana, refere-se a uma experiência planejada e intensiva dentro de um contexto psicológico. No entanto, é preciso entender que a consideração positiva, colocada por Rogers como uma atitude facilitadora, não caracteriza uma experiência necessariamente positiva para os participantes. Algumas pessoas resistem ao processo e não consideram a vivência como positiva, principalmente quando enfrentam seus sentimentos "negativos" de dor, medo ou angústia, por exemplo. Esse processo de encontro tem como foco principal um incremento no crescimento pessoal, conduzindo-as ao aperfeiçoamento da comunicação e melhoria das relações interpessoais.

Rogers (1994), apoiado em sua experiência pessoal com grupos, descreve os fatos observados, agrupa-os e apresenta-os, numa ordem e seqüência mais ou menos elaboradas, em forma de etapas ou fases do processo de encontro.

- Fase de hesitação, de andar à volta: trata-se de um período inicial de confusão quanto à compreensão das "regras", o que falar, como se comportar, de um silêncio incômodo com a desestruturação da situação. Acho interessante a proposta, professora, mas vamos ver se dar certo [...] qual é o nosso papel aqui? (P. J).

- Resistência à expressão ou explorações pessoais: diante do receio de se revelar, os membros tendem a mostrar só o eu exterior; gradualmente, é que vão revelando algo mais íntimo. Eu sou assim: alta, loira, cheirosa, vaidosa, simpática, supersticiosa, brincalhona, persistente, obediente... (P. X).
- Descrição de sentimentos passados: os participantes, ainda como forma de resistência inicial, preferem trazer para o grupo eventos passados por lhes parecerem mais seguros e pouco passíveis de críticas. Em alguns momentos estive imersa no meu passado... Reportei-me à infância e à adolescência e pude reviver sentimentos de alegria, tristeza, esperança... e muitas dúvidas em relação a minha existência... Foi muito legal (P. D).
- Expressões de sentimentos negativos: costumam serem voltadas para os outros elementos do grupo ou para a pessoa do facilitador. Os sentimentos positivos profundos, por serem mais difíceis de se expressar, dão lugar aos negativos nesse momento do processo. Acho que a professora devia arranjar um jeito de fazer as pessoas aprenderem a ouvir e respeitar a fala dos outros [...] me incomoda muito as conversas paralelas. Devíamos aproveitar esses momentos para crescer (P. G).
- Expressões e exploração de material com significado pessoal: começam a surgir expressões de sentimentos imediatos de significação pessoal. Confesso que estou, aos poucos, me abrindo, ou seja, abrindo meu coração e isso está me fazendo um enorme bem, pois estou me sentindo mais leve, mais à vontade para falar com o grupo, até no meu trabalho estou mudando o meu comportamento (P. G).
- Expressões de sentimentos interpessoais imediatos no grupo: há uma troca nas expressões de sentimento, tanto negativa quanto positiva, entre os membros. É impossível haver uma verdadeira sintonia se cada "músico" tocar um ritmo diferente. Só haverá harmonia se todos tocarem uma mesma música (P. L).
- O desenvolvimento de uma capacidade terapêutica no grupo: essa é uma fase interessante porque começa a surgir, entre os participantes, a capacidade natural e espontânea de "cuidar" do outro, de ajudá-lo. Isso acontece porque o vínculo entre eles já está mais estreito. Acho que se você não vai se sentir bem, colocando seus sentimentos, não fale!(P. Z).
- Aceitação do eu e começo da mudança: o processo começa a acontecer de forma mais clara quando as pessoas começam a se aceitar, a chegarem mais perto da congruência. O grupo vem me ensinando a compreender que, quando se trabalha em conjunto, é necessário ser flexível, tolerante, compreensiva, paciente...(P. A).
- O estalar das fachadas: é normal que alguns membros ainda não tenham conseguido se expressar; no entanto, o grupo parece cobrar o envolvimento desses para que possam viver mais profundamente as experiências significativas, desprovidos de defesas. Amiga, tire a máscara e se mostre para o grupo! Você costuma ficar num discurso bonito e usa isso para se esconder. Por que não se mostra de verdade? Só assim iremos conhecê-la melhor (P. F).
- O indivíduo é objeto de reação (feedback) por parte dos outros: ao se expressar, o indivíduo permite ao outro uma reação que pode levá-lo a uma tomada de consciência. A aceitação do retorno, seja ele qual for, certamente indicará um processo de crescimento. Não sei por que, mas acho muito difícil chegar perto de você. Na verdade não me sinto à vontade para me aproximar, porque sinto medo da sua reação. Sinto-me insegura pela sua frieza (P. O).
- Confrontação: é um momento delicado do grupo. Normalmente, ocorre quando um se coloca em pé de igualdade com o outro. Dependendo da carga emocional expressa, a experiência pode ser considerada positiva ou negativa para o crescimento pessoal e/ou grupal. Você, realmente, não tem jeito. Faz questão de ser chata e intolerante com os outros, não é? (P. G).
- Relações de ajuda fora das sessões de grupo: além das relações de ajuda, que costumam ocorrer no decorrer dos encontros, algumas pessoas continuam buscando apoio após o término das sessões do grupo. Agora vejo que não estou mais sozinha. Sei que posso contar com pessoas que me ouvem, não só aqui dentro, mas lá fora também... (P. Z).
- O encontro básico: o ponto alto e significativo do processo acontece nesse momento de contato mais íntimo entre os membros. ... Percebi que, como pessoa, estou cada vez mais disponível para olhar o outro e me colocar no lugar dele para, assim, ajudá-lo no que for necessário (P. S).

## PÓS-ESCRITO: RENOVAÇÃO DA CRENÇA NO POTENCIAL HUMANO

Apostei na crença do potencial humano para o crescimento e, no caso desse estudo, na figura do professor/educador, tão desacreditado, responsabilizado e (des)humanizado. Mergulhei por inteiro no processo grupal, penetrei num mundo, até então pouco conhecido, arriscando-me a enfrentar todo tipo de sentimento e a viver as mais diversas emoções. Mantive-me junto ao grupo e com ele vivenciei momentos significativos de mobilizações, experienciando uma capacidade empática surpreendente.

Não tenho dúvidas quanto aos alcances do grupo - a experiência é riquíssima e por isso precisa ser oportunizada. É meu desejo que o curso de Pedagogia resgate momentos de reflexão no processo de formação do educador, como diz a aluna: Acredito que o grupo é capaz de nos auxiliar e modificar, vez que estamos sempre analisando nossa postura, prática essa que não costumamos desenvolver no nosso cotidiano (P. S).

Não é possível pensar na formação do educador centrada apenas nos conteúdos das disciplinas, sem investir no seu aspecto mais humano e verdadeiro. Os futuros professores não costumam encontrar, nos seus ambientes "acadêmicos", oportunidades de

vivenciar momentos de introspecção, para estabelecer contatos internos importantes que os levam ao crescimento enquanto pessoa. Na verdade, não há uma preocupação com essa realidade tão necessária nos cursos de formação.

No entanto, se queremos mudar o perfil de nossos educandos e transformar a prática educativa em momentos de prazer, assumindo uma postura de autenticidade, como facilitadores do processo de aprendizagem, precisamos oferecer aos alunos um ambiente acolhedor e permissivo para que possam vivenciar esse processo. A intensidade das relações desenvolvidas no grupo sugere a criação desses espaços para a livre expressão.

A experiência na facilitação do grupo, tendo como referência a Abordagem Centrada na Pessoa, reforçou minha credibilidade no alcance das vivências em grupo e abriu questões para reflexões futuras a respeito dos grupos. Despertou-me para a necessidade de aprofundar, ainda mais, meus estudos sobre a ACP e Grupos de Encontro e me mostrou a viabilidade do enfoque qualitativo fenomenológico na investigação científica.

Enfim, as experiências vividas e as mudanças delas decorrentes irão contribuir para uma formação mais humana das futuras educadoras, além de provocarem mudanças significativas na pessoa desta pesquisadora, com repercussões na sua prática profissional;

---

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

AMATUZI, M. M. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. Estudos de Psicologia. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BICUDO, M. A. V. Fenomenologia: confrontos e avanços. São Paulo: Cortez, 2000.

FORGHIERI, Y. C. Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa. São Paulo: Pioneira, 1993.

GOOBI, S.; MISSEL, S. Abordagem centrada na pessoa: vocabulário e noções básicas. Tubarão: Universitária UNISUL, 1998.

ROGERS, C. R. Grupos de Encontro. [tradução Joaquim L. Proença]. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. Liberdade para aprender. Belo Horizonte, MG: Interlivros, 1975.

\_\_\_\_\_.; KINGET, G. Marian. Psicoterapia e Relações Humanas. Vol. 1. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

WOOD, J. K. (Org.) et al. A abordagem centrada na pessoa. 3. ed. Vitória: Edufes, 1997.